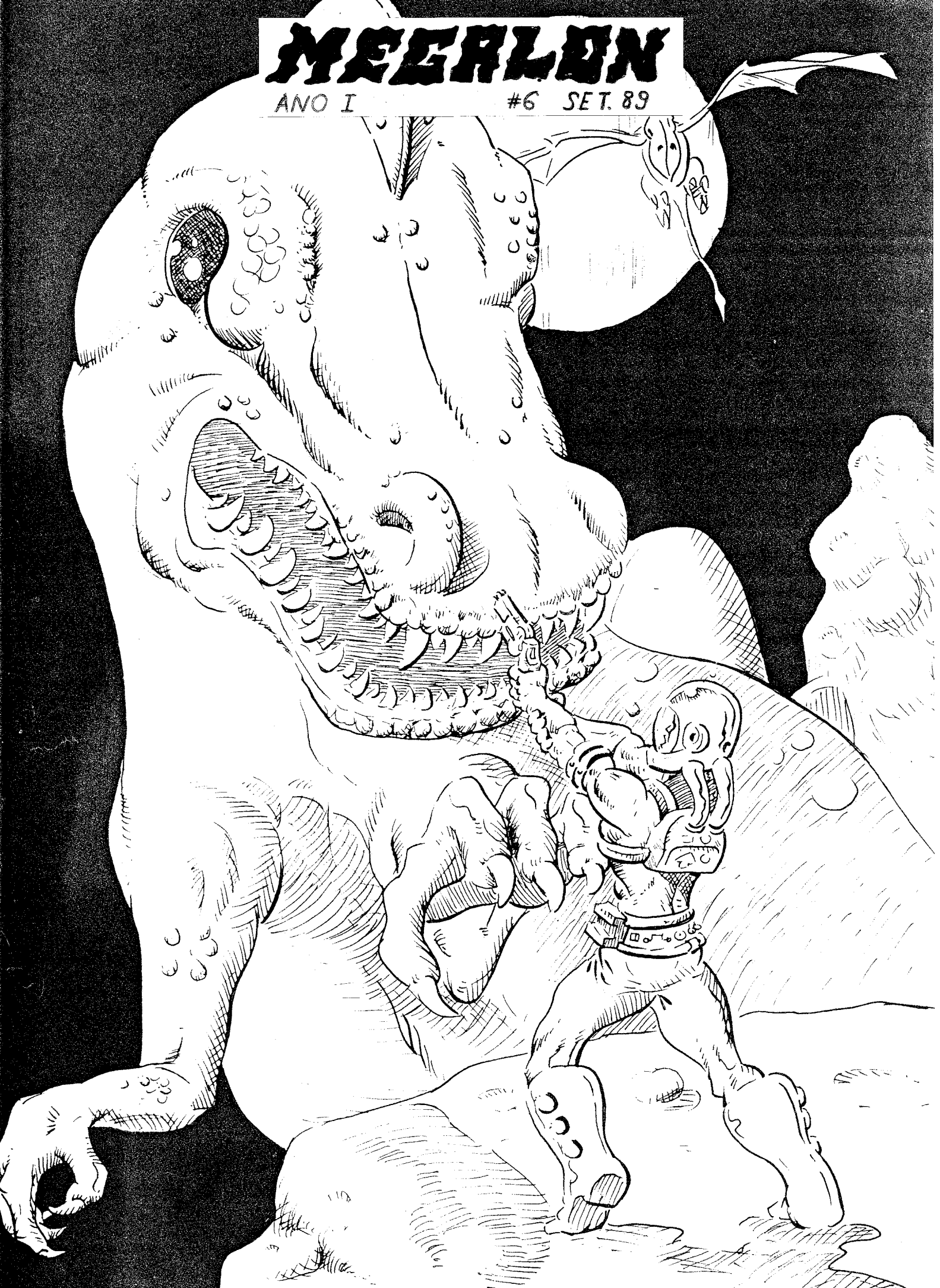


MEERLON

ANO I

#6 SET. 89





Ano I Número 6 Setembro 1989

EDITORES: Marcello Simão Branco & Renato Rosatti

Colaboradores: Jeremias Moranu, Jorge Luiz Calife, Ivo Luiz Heinz e Roberto de Sousa Causo

Colaboram nesta edição: Antonio Sena, César R.T. Silva, Éder Scarrot, Laerte Francisco Lemmi, Maria Ângela C. Bus-soloti, Omar Albio dos Santos Filho e Sena Filho.

EDITORIAL

Nosso fanzine nasceu com a proposta de divulgar a FC e Horror. Até agora o público que atingimos é basicamente fã de FC, e é com isso o Horror vem perdendo espaço. Mesmo entre os fãs de FC, há muita gente que acompanha outros gêneros. O fato é que não recebemos trabalhos sobre ficção, literatura e cinema relacionados ao Horror.

Temos mantido um critério de não editarmos artigos traduzidos, pois um fanzine é como um laboratório, onde jovens cientistas fazem seus experimentos. Devido à falta de colaboração, nesta edição trazemos um ótimo artigo - mas traduzido.

Se a FC é um gênero incipiente no Brasil, imagine o Horror ou a Fantasia! Vamos colaborar! Esses gêneros, estão sub-entendidos dentro da FC, ou existe independentemente dela? É a questão que levantamos. por MARCELLO SIMÃO BRANCO

Publicação Bimestral. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação da editoria. Os trabalhos publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem juz a qualquer remuneração. As opiniões emitidas são de responsabilidade dos autores, e não refletem necessariamente a dos editores.

Agradecemos a quem, direta ou indiretamente, colaborou nesta edição. Novos trabalhos são aceitos até dia 10 de outubro.

ÍNDICE

SF & HR REPORTS

- As 1001 Vidas da Coisa 7
- Star Trek - Est. das Naves II 9
- A.Hinds, O Príncipe da Hammer 15

SHORT STORY

- Quedê meu Surf ? 12
- Sacrifício 14

QUADRINHOS

- Vítimas 29

SEÇÕES

- Diário de Bordo 3
- Poster 20
- Ciência 21
- Leitura 22
- FC BR 24
- Classics 27

ENDEREÇOS:

- Correspondência e envio de trabalhos: Av. Clara Mantelli, 110 São Paulo - SP 04771

- Assinaturas: Rua Irmão Ivo Bernardino, 40 São Paulo - SP 04773

ASSINATURAS:

A partir desta edição passa a ser semestral - 3 edições - no valor de 6 BTNs - para esta edição vale as de setembro e outubro. Remeter cheque nominal cruzado em nome de Renato Rosatti - no endereço acima.

DIÁRIO DE BORDO

INTERNACIONAL

HUGO

O comitê para o Hugo '89 anunciou a exclusão, acreditando ter encontrado evidências de votação organizada em bloco, dos seguintes concorrentes:

MELHOR ROMANCE: *The Guardsman*, Todd Cameron Hamilton & P.J. Beese; e MELHOR ARTISTA PROFISIONAL: Todd Cameron Hamilton.

Explode a polêmica após Hamilton e Beese terem concordado com sua exclusão, invertendo essa posição em seguida e tecendo duras críticas à atuação do comitê. Foram 25 votos, enviados por uma pessoa ou grupo, o motivo do atrito e a situação parece não estar ainda da regulada, apesar da decisão do comitê ser soberana.

RESULTADOS DO PRÊMIO STOKER 1989

Conferido pela Horror Writers of America, aos melhores trabalhos no gênero horror.

MELHOR ROMANCE

The Silence of the Lambs, Thomas Harris.

MELHOR PRIMEIRO ROMANCE (Romances de estréia)

The Suiting, Kelley Wilde

MELHOR NOVELETA

Orange is for Anguish, Blue for Insanity,

David Morrell (autor de livros de ação, entre os quais *First Blood*, ótimo romance que deu origem à não tão boa série cinematográfica *Rambo*)

MELHOR HISTÓRIA (Conto)

Night They Missed the Horror Show, Joe R. Lansdale

MELHOR COLETÂNEA

Charles Beaumont: Selected Stories, Charles Beaumont (veja cinema, TV, animação)

LIFE ACHIEVEMENT AWARDS (Pelo conjunto da obra)

Ray Bradbury e Ronald Chetwyn-Hayes

Segundo prêmio importante recebido por

Bradbury, há pouco elevado a Grand Master (o décimo) coincidindo com seu ressurgimento através da coletânea de contos inéditos *The Toynebee Convector*. Reconhecimento tardio de um mestre ou oportunidade promocional?



INDICAÇÕES PARA O PRÊMIO CHESLEY 1989 (Conferido pela Associação de Artistas de FC e uma homenagem ao pioneiro da SF art e arte astronômica Chesley Bonestell) Capa Dura: Don Maitz (*Cyteen*); Thomas Candy (*White Raven*); Will Cormier (*Mona Lisa Overdrive*); Mark Harrison (*The Story of the Stone*). Brochura: Jody Lee (*The Oathbound*); Bob Eggleton (*Necroscope*); Steve Hickman (*The VANG: The Military Form*); Richard Bober (*The Storyteller and the Jann*); Dean Morrissey (*Moon Dreams*). Capa de Revista: Hank Jankus* (*IASFM 2/88*); Bob Eggleton (*Amazing 3/88*); Bob Eggleton (*IASFM 7/88*); Gary Freeman (*IASFM 6/88*). Ilustração de Interior: Larry Elmore; Lela Dowling; Bob Walters; Alan Lee; Janet Aulisio. Colorido Não Publicado: James Gurney, 'The Waterfall City'; Carl Lundgren, 'Getting Colder'; Lari Dietrick, 'Lady of the Lake'; Lela Dowling, 'Sarah's Friend'. Monocromo Não Publicado: Dell Harris, 'A Moon Over Atlantis'; Brad Foster, 'Mechanical Owl'; Alicia Austin, 'The Reading Lesson'. Arte 3-D: John A. Morrisson, 'Metropolis'; Guy Frechette, 'Solitaire's Throne';



BONESTELL

Por
Roberto de Sousa Causo

1988 NEBULA AWARD



1988 Nebula Award: Connie Willis, George Alec Eflinger, Lois McMaster Bujold, James Morrow, & Ray Bradbury.

RESULTADOS DO PRÊMIO AUSTRALIANO DE REALIZAÇÃO EM FC 1989

MELHOR FICÇÃO INTERNACIONAL: *Seventh Son*, 1 Orson Scott Card (livro 1 da trilogia *Tales of Alvin Maker*)

MELHOR FICÇÃO AUSTRALIANA LONGA: *Striped Holes* Damien Broderick

MELHOR FICÇÃO AUSTRALIANA CURTA: *My Lady Tongue*, Lucy Sussex

MELHOR FANZINE: *Get Stuffed*, Jacob Blake, ed.

MELHOR ESCRITOR FÃ: Bruce Gillespie

MELHOR ILUSTRADOR FÃ: Ian Gunn

PRÊMIO WILLIAM ATHELING: Russell Blackford, por artigos no *Australian SF Review*.

RESULTADO DO 3º PRÊMIO ARTHUR C. CLARKE ('89)

Unquenchable Fire, Rachel Pollack (Prêmio criado por Clarke para o melhor romance inglês, com £1.000 para o vencedor, sendo o júri escolhido pela Associação Britânica de FC)

The Empire of Fear, Brian Stableford (2º)

Rumours of Spring, Richard Grant (3º lugar)

Vencedores passados: *The Handmaid's Tale*, Margaret Atwood (publicado aqui como *A História da Aia*) e *The Sea and Summer*, George Turner

Nevenah Smith, 'The Divine Comedy - Circle of Lovers'. Prêmio para Realização Artística: Don Maitz, Steve Hickman, Michael Whelan, Alicia Austin, James Gurney, Thomas Canty. (Prêmio votado pelos membros da Associação)

* Hank Jankus faleceu em outubro de 1988.

RESULTADO DO PRÊMIO PHILIP K. DICK 1989 (É um prêmio para melhor FC original em brochura)

Wetware, Rudy Rucker, empatado com *400 Billion Stars*, de Paul J. McAuley. Rucker já havia vencido o prêmio em 1983 com *Software*, do qual *Wetware* é seqüência. O romance de McAuley é seu primeiro livro. O Prêmio financeiro aqui é de US\$ 1.000 (500 para cada?).

V A R I E D A D E S

Nexus é um ciclo de palestras realizadas na Academia da USAF, em Colorado Springs. Pela 1ª vez, em abril de 89, o tema foi o relacionamento entre ciência e FC, com boa participação do público militar e presença de Ray Bradbury, Joe Haldeman e David Brin, entre outros. *A 5ª cerimônia de entrega dos prêmios aos vencedores do Concurso Writers of the Future foi realizado no prédio da ONU, em New York (29/abril). *Robert Adams, popular autor de duas séries de sucesso, *Horseclans* e *Castaways in Time*, está sofrendo de câncer linfático, fazendo um tratamento radiológico que, espera-se, lhe de alguns anos mais de vida. A comunidade de fãs norte-americanos se articula para ajudar no custeio das despesas médicas, através de leilões e donativos. *Arthur C. Clarke e Gentry Lee, entregaram os originais de *Encontro com Rama II*. O trabalho anterior da dupla, *Cradle*, não foi bem recebido pela crítica especializada. *Morreu John Berryman (1916), de ataque cardíaco, dia 23 de dezembro de 1988. Berryman publicou mais de 50 histórias em revistas após a II Grande Guerra, assinando com seu próprio nome ou William G. Bailey e ainda Walter Bupp. É também autor de um conto clássico sobre primeiro contato, 'Berom', incluído em *Antologia Cósmica*, editada por Fausto Cunha, pela Francisco Alves. É um conto belíssimo. *F. Paul Wilson vendeu um novo romance, *Hanley's Heir*, tratando-se de uma seqüência a *The Keep*, publicado aqui pela Record como *O Fortim*, e também um vídeo dirigido por Michael Mann, produtor da série *Miami Vice*.

C I N E M A, T V, A N I M A Ç Ã O

Captain Planet, em planos, é um desenho onde os heróis são meninos oriundos dos principais grupos raciais trabalhando contra a poluição e matança de animais. * *Total Recall* é um filme baseado em história de K. Dick e estrelado por Arnold Schwarzenegger (que será a encarnação do herói de guerra dos quadrinhos, *Sargento Rock*). Dizem que a equipe de produção participou de *Robocop*, e o orçamento será algo em torno de US\$50 milhões. * *Batman*, o tão badalado filme, ainda desperta suspeitas nos críticos e fãs, na dúvida se será ou não a versão definitiva do Homem Morcego nas telas ou mais um fiasco como o foi a série *Superman*. * *The Abyss* é a aventura subaquática de James Cameron com um custo de US\$ 65 milhões. A dúvida é se as bilheterias pagarão a aventura. * *Nemo* será um desenho baseado na HQ *Little Nemo in Slumberland*, de 1908, por Wilson McCay; uma HQ muito à frente de sua época. * *Paranoia*, um script de Charles Beaumont, poderá ser filmado pelos estúdios de Roger Corman. Beaumont morreu em 1967 e foi autor e fã de FC, responsável por muitos dos roteiros para a querida série de TV *Além da Imaginação*. * Joe Dante e Spielberg se unem novamente para a produção de *Gremlins II*. * *Star Trek: The Next Generation* continua como uma das principais séries da TV americana, apesar de altos e baixos e da tripulação reformulada. ** Atenção para as HQs de FC e Fantasia que podem aparecer a qualquer momento como filmes ou desenhos: *American Flagg!* (filme); *Homem-Aranha* (filme, Canon); *Superboy* (série, mesmos produtores dos filmes no cinema); *Watchmen* (filme); *Rocketeer* (filme, Disney); *Wolverine* (filme, script Chris Claremont); *Heavy Metal* (desenho baseado em história de William Gibson).

RESULTADOS DO PRÊMIO DAVIS DOS LEITORES (Pesquisa 'doméstica' dos melhores trabalhos publicados em *Analog* e *Asimov's*, votados pelos leitores)

ANALOG:

MELHOR NOVELA/NOVELETA: *Sanctuary*, James White. MELHOR CONTO:

The Circus Horse, Amy Bechtel

MELHOR ARTIGO: *An Introduction*

to Psychohistory, Michael F.

Flynn. MELHOR CAPA: Vincent Di

Fate, para a serialização do

vencedor do Nebula *Falling Free*

ASIMOV'S:

MELHOR NOVELA: *The Last of the*

Winnebagos, Connie Willis (Nebu

la). MELHOR NOVELETA: *Douser, Or*

son Scott Card (pertencente ao

universo de *Alvin Maker*). ME-

LHOR CONTO: *A Midwinter's Tale*,

Michael Swanwick. MELHOR ILUS-

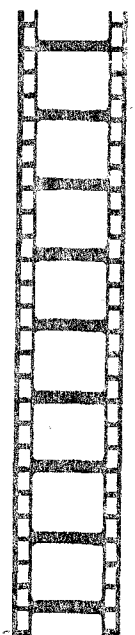
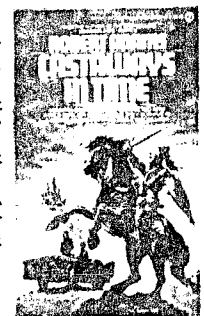
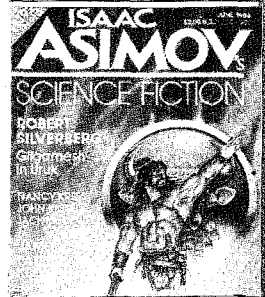
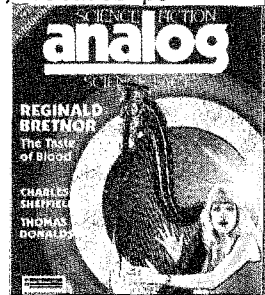
TRADOR DE CAPA: Hisaki Yasuda.

MELHOR ILUSTRADOR DE INTERIOR:

Laura Lakey.

Cada vendedor recebeu US\$ 200 e certificado.

Davis é a editora que edita as duas revistas.



Próximo lançamento 'Ficção científica GRD: Ômega - O Planeta dos Condenados, de Robert Shekley. Gumercindo Rocha Dórea já tem selecionados para lançamento o não-ficção A Ficção Científica nas Histórias em Quadrinhos, de Marco Aurélio Lucchetti (pode estar nas livrarias em outubro), além de um trabalho sobre Batman - neste que é o ano do Homem-Morcego - pelo mesmo autor. Entrementes Dórea prepara uma coletânea temática de Natal reunindo alguns nomes da Geração GRD ao lado de jovens autores inéditos. Para 1990 espera publicar o romance que H.V. Flory está preparando, cujo título provisório é Evolução - Flory está reescrevendo-o dentro do do Criatório de Textos, projeto das Oficinas Culturais Três Rios e dando especial atenção para a coerência científica. Planeja-se também o lançamento do volume fecho da trilogia Padrões de Contato, de Jorge Luiz Calife, para 90.

* A Companhia Melhoramentos pre para os lançamentos de mais duas antologias tendo Asimov como organizador e um volume com o melhor de Robert Silverberg. Se este último for tradução do recente Beyond the Safe Zone

(1986) o fã brasileiro receberá um presente inestimável. Fique alerta.

* Na Ele & Ela de julho, Nº 241, você pode encontrar um artigo de Arthur C. Clarke, "O Sexo no Século XXI".

* O fanzine Hiperespaço: The Next generation, Nº 4, foi uma edição especial sobre dinossauros. (Al. dos Instrutores Bl. A apt. 401, Fortaleza de São João - Urca, Rio - RJ 22291)

* HQ: As chamadas HQs para adultos estão em moda na mídia brasileira. Alguns nomes dos quadrinhos brasileiros se infiltraram nos grandes jornais, Franco da Rosa e Moretti na Folha da Tarde, de Moya no Jornal da Tarde. A revista Aventura e Ficção está facilitando para alguns nomes como Mozart Couto e Deodato Borges, enquanto Watson Portela vai desenhando a revistinha do Gugu. Já o internacional Alain Voss aparece na TV dizendo que os quadrinhos brasileiros não sairão do lugar enquanto as editoras continuarem com a miséria que pagam (novidade?).

Jorge Luiz Calife fala de seus contatos com as Edições GRD, interessana na conclusão de sua trilogia Padrões de Contato: "Gumercindo (Rocha Dórea, editor das Edições GRD) me mandou uma longa carta, pedindo um conto para sua antologia de Natal e se oferecendo para publicar o Linha Terminal no ano que vem. Já preparei e mandei para ele um conto de Natal passado na Lua. Espero que ele goste. Li vários depoimentos de astronautas que andaram na Lua para passar a sensação verdadeira das coisas ao leitor. Chama-se 'A Estrela dos Magos'."



Quanto ao Linha Terminal, Calife explica: "Estou reescrevendo várias partes do romance pra ficar mais atualizado e creio que até o final do ano o Linha Terminal, versão mark II estará pronto. O problema com o Linha Terminal é que ele ficou muito tempo na gaveta e eu tive uma idéias espetaculares, que não tinha pensado ao escrever a primeira versão: mas será fácil rearrumar tudo."

Com respeito ao seu outro romance em projeto, Videoorama: "Parei o Videoorama por uns tempos, pra cuidar do livro de novelas e da nova versão do Linha Terminal." No volume de novelas será incluído outro projeto noticiado aqui no MEGALON, "Ano do Proteu": "A versão definitiva do 'Ano do Proteu' aproveita alguns personagens e seqüências da primeira versão e introduz novos personagens e toda uma seqüência passada no Brasil, mais especificamente na Ilha do Mel, no Paraná. É a novela com lances de aventura, terror, erotismo e suspense que eu queria escrever quando tive a idéia há um ano atrás."

Jorge Luiz Calife é também responsável por competentes traduções de livros de Arthur C. Clarke e Frank Herbert mas, desiludido com a profissão de tradutor declarou que iria abandoná-la. Agora ele nos informa: "Gumercindo vai tentar conseguir os direitos para o Brasil do Ringworld, do Larry Niven, um de meus livros favoritos. Perguntou se eu concordo em traduzir para ele. Nesse caso, é claro, eu faço uma exceção e volto a ser tradutor."

A editora italiana Nord publicou na Locus um anúncio onde orgulhosamente apresentava "os 368 autores que fazem sua lista de FC & fantasia uma das mais prestigiadas do mundo". Separamos as linhas que contém o nome de André Carneiro: RICE BURROUGHS • JOHN COLEMAN BURROUGHS • JOHN W. CAMPBELL JR. • ORSON SCOTT CARD • ANDRÉ CARNEIRO • ANTONIO CARONIA • PIER CARPI • TERRY CARR • LIN CARTER • CLEVE CARTMILL • MARIANGELA

Perguntaríamos ao nosso amigo André quando nós, brasileiros, iremos ver os seus trabalhos, se já não soubéssemos que resposta ele daria: "Pergunte aos editores". André Carneiro tem, no momento, um romance inédito, chamado Amorquia, à espera de publicação.

* O horror vem ganhando espaço no Brasil. O Vampiro Gestat, de Anne Rice pela Marco Zero, balançou a mídia, enquanto a Best Seller vem publicando livros de Dean R. Koontz, - lembrando que essa editora seleciona seus lançamentos da lista de best sellers do New York Times. Um de seus últimos lançamentos, em fantasia, foi Wyvern - O Dragão Alado, de A.A. Attnasio, que é um prestigiado autor de FC de uma das safras mais recentes.

* Se você não pôde comprar a cara edição da Best Seller de Viagem Fantástica II, do Asimov, a Nova Cultural lançou-o em banca por um preço ótimo NCz\$ 8,00.

* Lythande é o mais recente trabalho de Marion Zimmer Bradley publicado aqui. Uma fantasia contada em contos envolvendo o personagem-título, sendo um dos contos assinado por Vonda N. McIntyre.

* A Record vai publicar Prelude to Foundation, de Asimov, contando a vida de Hari Seldon antes da Fundação. A tradução é de Bráulio Tavares.

* Está circulando o esperado N° 1 de 'Trekkers' Log', fanzine do Trekker Club, com notícias interessantes sobre o 3º Encontro de Trekkers do Rio, realizado em 4 de julho último. Outra atividade relacionada a Star Trek foi um encontro promovido por um outro grupo, a Frota Estelar Brasileira também em julho. O Trekkers' Club participou também da exposição "No Mundo da Lua", de 9 a 23 de junho. Os trekkers brasileiros estão com tudo.

* O Clube de FC Antares, de Porto Alegre, deverá assumir a realização da II Convenção Brasileira de FC, possivelmente em novembro ou dezembro ainda. Lembramos que a Iª foi realizada pelo mesmo grupo, de 28/2 a 1/3 de 1986, em Porto Alegre. Essa convenção precisa de um nome, e eu sugiro Brasilicon II.

* O Anuário Brasileiro de Ficção Científica, que estará circulando em breve, comunica que, em decorrência do pequeno número de trabalhos inscritos até o momento, os prazos do Concurso Cruz de noveletas e novelas de FC foram dilatados em um ano. A data limite, então, tornou-se 20/8 de 1990. O ABFC garante a publicação do trabalho vencedor. Informações: Cx. Postal 220, Sumaré - SP CEP 13170.

* Jean-Pierre Moumon, editor do semi-prozine francês "Antarès" confirmou a publicação do meu conto "A Última Chance", vencedor da 1ª Fase do III Prêmio Fausto Cunha, que ainda compete pelas finais. Tenho enviado trabalhos de autores nacionais para esse semi-prozine e, se você escreve FC ou fantasia, envie seus melhores trabalhos para o endereço do item acima, se achar que vale a pena submetê-lo ao editor francês - lembrando que não entra remuneração no negócio. O que conta é a divulgação.

* O resultado do Prêmio Nova de FC 1988 foi divulgado no Jornal de Letras de setembro.

A Coisa (The Thing) nasceu no final da Segunda Guerra Mundial quando o editor John W. Campbell, que escrevia ficção científica nas horas vagas, precisou de um monstro impressionante para enfrentar o seu herói J. McReady nas vastidões Antárticas.

No conto Who goes there (Quem vem lá) a Coisa surge como um humanóide alienígena, com tentáculos no lugar de braços, cabeça globular e três olhos vermelhos brilhantes que desperta de uma hibernação secular quando cientistas tentam desenterrar sua nave espacial sepultada em uma geleira.

Mas o que fascinou a todos que leram a história foram as habilidades da criatura de assumir a forma física exata dos seres que devora. Como um vírus, a Coisa introduz sua programação genética nas células dos organismos que toca, transformando-os em cópias de si mesma. Incorporando o código genético de outros seres ela pode mimetizar suas formas físicas e se destruída pode se regenerar a partir de uma única célula de seu sangue.

Um organismo perfeito portanto, como a FC nunca tinha visto. Campbell provavelmente se inspirou no semi-deus Proteu, da mitologia grega, que podia assumir múltiplas formas e por isso criaturas como A Coisa passaram a ser chamadas proteiformes, ou então alteradoras de forma (em inglês shape changers).

A FC tem uma característica de criação coletiva no sentido de que uma idéia concebida por um autor é usada por outros escritores. Mais do que os leitores, os escritores ficaram fascinados pelo monstro de Campbell e logo começaram a escrever outras histórias sobre aliení-

genas de forma mutável. A.E. Van Vogt escreveu um conto imaginando que um ser capaz de assumir a identidade de outras criaturas correria o risco de acabar perdendo a sua própria. Arthur C. Clarke concluiu em A Cidade e as Estrelas que um ser capaz de assumir múltiplas formas não poderia ter uma forma definida. Teria que ser uma colônia de células altamente especializáveis como um óvulo prestes a se transformar em embrião. Uma criatura com órgãos morre se a forma de seus órgãos for alterada. Um ser proteiforme teria que ser uma massa amorfa, altamente plástica em sua forma original, como o pólipó alienígena imaginado por Clarke: uma colônia de células capazes de vida independente que só se unem quando querem assumir uma determinada forma.

Em 1951 o produtor Howard Hawks resolveu filmar o conto original de Campbell com o título de The Thing (no Brasil, O Monstro do Ártico). Como o orçamento não comportava uma criatura multiforme, A Coisa virou um tosco humanóide alienígena, mais parecido com o monstro de Frankenstein do que o polimorfo de Campbell.

Outros cineastas logo viram entretanto que A Coisa era um achado. Um ser extraterreno capaz de imitar a forma humana com perfeição, pode ser interpretado por atores comuns, sem recursos caros de maquiagem e efeitos especiais. Basta dizer "...e eles tomaram a forma humana" e estamos conversados.

Dois filmes marcaram época nos anos 50, adaptando o conceito de Campbell. O primeiro foi o belíssimo It Came from Outer Space (Veio do Espaço), de Jack Arnold, basea-

do: numa idéia de Ray Bradbury.

Bradbury imaginou alienígenas ex-traviados na Terra, aprisionando os habitantes de um vilarejo no deserto da Califórnia e assumindo-lhes a forma física de modo a poder consertar sua nave e voltar ao espaço. Enfatizando o mistério e a magia da trama, Arnold fez um filme cheio de momentos poéticos. Num cena marcante o herói surpreende sua noiva a olhar extasiada para o Sol sem piscar. Ele não sabe que a moça é um alienígena que tomou a forma física da mulher que ele ama. Fascinada pela visão do Sol em múltiplas comprimentos de onda a criatura acaba denunciando seu disfarce.

Em Invasion of Body Snatchers (Vampiros de Almas) mais tarde refilmado como Os Invasores de Corpos, vegetais extraterrenos com a forma de enormes vagens invadem a Terra e logo tomam a forma de plantas, animais e pessoas. Os seres de Jack Finney são no entanto uma metáfora para a infiltração comunista que tanto medo metia nos americanos.

Nos anos 60 e 70 o ser capaz de assumir múltiplas formas virou clichê dos seriados de TV, de Star Trek a Os Invasores. O tema entretanto era tratado de forma descuidada e anti-científica. Em Espaço 1999 quando a alienígena Maia toma a forma de uma barata para passar por uma fresta e salvar a base lunar Alfa a transformação é mostrada de modo instantâneo, o que seria uma impossibilidade física. Além disso se Maia vira uma barata o que é que acontece com sua massa original? Ela se torna uma barata de 50 quilos?

Em Perdidos no Espaço uma planta alienígena cria uma réplica da loura Judy Robinson, mas debaixo de sua pele rosada a nova Judy continua a ser um vegetal.

Arthur C. Clarke voltou a apresentar um alienígena multiforme na sequência final de As Fontes do Paraíso e aproveitou para dar uma piada sobre os erros com que o tema vinha sendo abordado: atormentado por um bando de crianças o embaixador alienígena ameaça se transformar num Tiranossaurus Rex e é ridicularizado: "Com a sua massa não vai ser um tiranossauro muito impressionante."

Com o sucesso do filme Alien, cujo monstro alienígena não passava de um homem com um rabo e uma salchicha no lugar da cabeça, o diretor John Carpenter resolveu refilmar Who Goes There usando toda a moderna tecnologia de efeitos especiais para apresentar um multiforme em ação. Artisticamente O Enigma do Outro Mundo é um filme fraco. John Carpenter se tornou conhecido com Halloween, um filme sobre um assassino psicopata imortal que mata um monte de gente. Enigma do Outro Mundo transforma o alienígena multiforme em outro psicopata imortal, matando a torto e a direito sem motivo aparente. Mas a criação do alienígena pelo especialista em efeitos Rob Bottin valeu o filme. Pela primeira vez podíamos ver um ser multiforme originalmente amorfo, em plena ação, suas metamorfoses graduais mostradas com todo o realismo, revelando o sofrimento e o esforço que elas exigiriam da criatura. A visão final do monstro foi inesquecível: totalmente enlouquecido, com as múltiplas formas que absorveu, tentando desesperadamente brotar, todas ao mesmo tempo, de sua estrutura informe. Ao manter o monstro corretamente indefinido, a se materializar apenas em suas múltiplas transformações, o filme poupa os espectadores da decepção que sentiram em Alien, ao descobrir que o monstro era apenas outro humanoíde. O estúpido herói vivido por Kurt Ruge (continua na página 11)



STAR TREK

ESTUDO DAS NAVES DA SÉRIE II

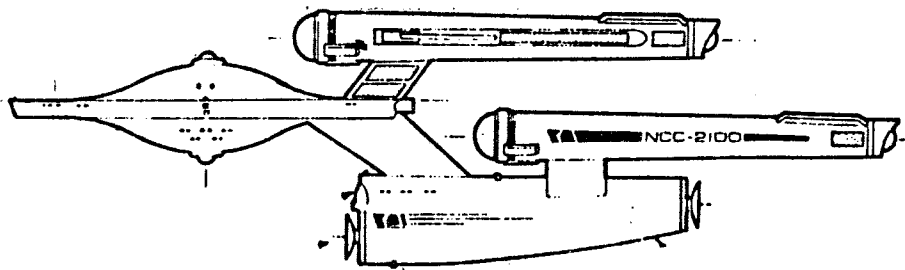


por OMAR ALBIO DOS SANTOS FILHO

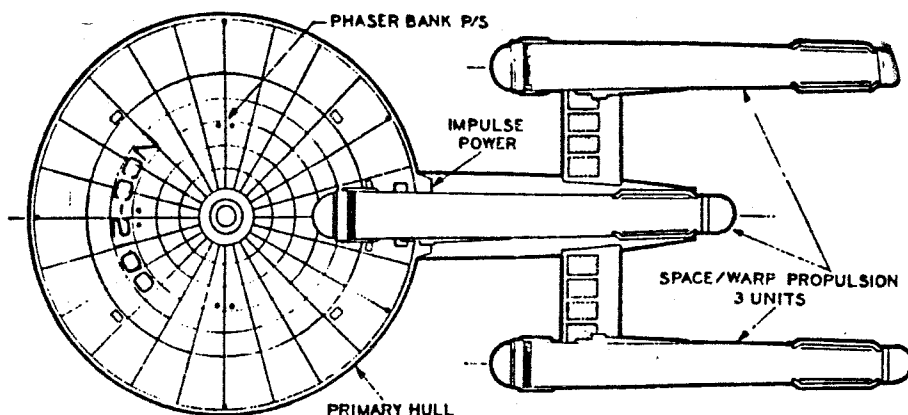
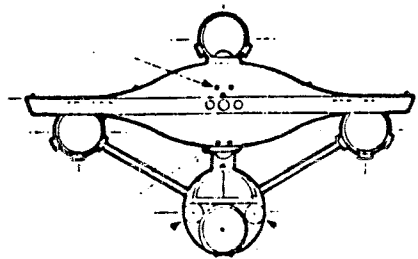
Continuamos nessa série, abordando agora o projeto da classe DREADNOUGHT - equivalente a um porta-aviões da marinha. Logo depois, a classe ENTERPRISE, de cruzadores pesados aperfeiçoados da classe CONSTITUTION, que leva o nome da nave comandada pelo Capitão Kirk e seu Primeiro Oficial Sr. Spock, que fez história na Federação Unida dos Planetas.

CLASS: DREADNOUGHT

TYPE: "UNDER CONSTRUCTION"

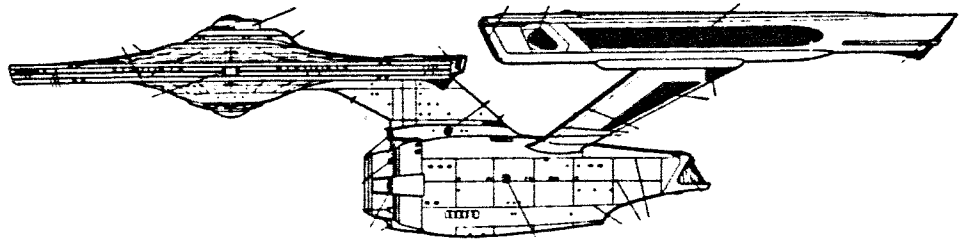


Este é um projeto do qual existe um único protótipo. Possui três unidades de propulsores warp, que podem atingir uma velocidade na escala de warp 20. Possui cinco bancos de faser, dois bancos de torpedos fotônicos, um sensor de navegação e um outro de navegação com deflexão, sendo que há um sensor de re e uma unidade de raio trator, que impede fugas de outras naves após se acionado esse raio. Pode deslocar 285.000 toneladas força e a tripulação seria composta por cinquenta e cinco (55) oficiais e quatrocentos e quarenta e cinco (445) tripulantes.



CLASS: ENTERPRISE

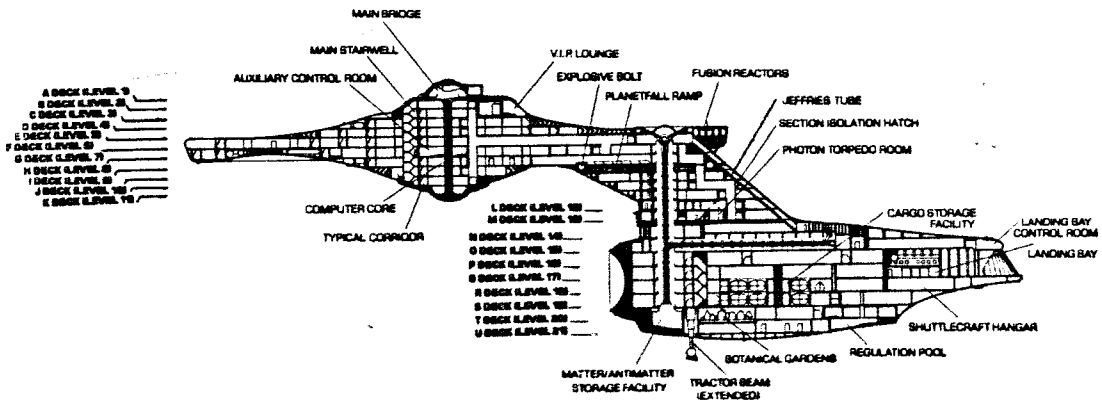
TYPE: HEAVY CRUISER



Este modelo de cruzador pesado é uma variante do modelo da classe CONSTITUTION. A nave ENTERPRISE foi uma das primeiras a mudar totalmente se design, com motores novos, faser mais potente e novos tipos de torpedos fotônicos, além também de um campo defletor mais amplo e forte. Esta "nova" Enterprise foi totalmente modificada a partir do desenho original. Seus impulsores podem gerar potência maior que os impulsores da classe Constitution e o tempo de aceleração é também maior. Veja abaixo a tabela:

<u>Performance:</u>	velocidade máxima -----	warp 12 (1728C)
	velocidade de cruzeiro -----	warp 5 (512C)
<u>Aceleração:</u>	0 a 99C -----	19 segundos
	99C a warp -----	1.1 segundos
<u>Aceleração warp:</u>	warp 1 - 4 -----	0.78 segundos
	warp 4 - 8 -----	0.67 segundos
	warp 8 - 12 -----	2.13 segundos

Asala de torpedo fotônico que ficava perto da ponte de comando passou para 13 decks abaixo, um acima do reator. Também foi modificada a subnave Galileo, possuindo agora impulsores de igual potência, porém menores que o da Enterprise. Para maiores detalhes, verificar desenho abaixo, o qual mostra o reator duplo, um no sentido horizontal e outro no vertical. Ali é feito a fusão matéria-antimatéria, sendo que o reator é alimentado por cristais dilithium criando uma performance maior em seus impulsores.



A aquisição de matéria é feita pelos geradores de força warp, de modo que esta aquisição é dirigida aos reatores onde são feitas as fusões de matéria-antimatéria e que por sua vez é dirigida ao impulsor, o qual se localiza entre os geradores de warp. Veja o desenho na próxima página:

SHORT STORY

quedê meu surf?

Por LAERTE FRANCISCO LEMMI

O dia 4 de setembro de 2201, dizia o apresentador no televisor, entrará para a história mundial, como o dia mais importante depois do 31 de janeiro de 2035, quando houve a transformação da O.P.U. (Organização dos Planetas Unidos) em G.P.S.S. (Governo Planetário do Sistema Solar), porque nesta data, depois de inúmeras experiências, primeiro em Saturno, depois em Júpiter e Marte, conseguimos o Know How para colgarmos a nossa Lua em órbita geoestacionária.

Os acontecimentos, segundo os cientistas responsáveis, serão os seguintes: após longos estudos, decidiu-se por 10 explosões nucleares limpas, controladas e dirigidas, para que a Lua atinja uma velocidade 27 vezes maior do que a de hoje. Afim de que não se desintegre com essa excessiva velocidade, será colocado um campo de força no centro da massa lunar.

Na hora das explosões, todos os povos do Sistema Solar poderão ver uma grande luminosidade em um ponto do equador lunar, mas, para os habitantes da Terra, o espetáculo será mais bonito, pois ver-se-á uma cauda, como a de um cometa. Posteriormente, haverá explosões menores para as possíveis correções de órbita.

Infelizmente, ao mesmo tempo em que esse trabalho com a nossa Lua ajudará a nossa indústria movimentando dinheiro e economizando nos custos de transporte, como ocorreu em Marte com a construção das pontes Marte-Fobos e Fobos-Deimos, apelidadas carinhosamente de Martinhocões, muitas pessoas acham que sairão prejudicadas. Por exemplo os namorados, que sem a Lua cheia, não mais terão "aquela" atmosfera romântica;

os ladrões, que também não a terão, para iluminar os seus caminhos, economizando assim as pilhas de suas lanternas; e, principalmente, os surfistas que não terão ondas muito grandes para surfarem e que por isso criaram uma facção armada, autodenominada "Surf and Force", que está reivindicando...

Desliguei o aparelho pois já não havia ninguém interessado no programa. Dirigi-me a Lither, nosso comandante idealizador. Todos o achavam um pouco louco, só porque acreditava que devíamos provocar uma rebelião entre os peixes dos mares e rios, fazendo com que não mais caíssem nas redes ou mordessem os anzóis. Fora isso, ele é boa gente e um comandante competente. Fora ele quem nos deu a idéia das pranchas-bomba, que demos aos filhos dos cientistas do projeto e dos dirigentes planetários. Essas pranchas traziam embutidas em seu corpo um microprocessador que tornava impossível para alguém se manter em cima delas por muito tempo, pois ficavam ziguezagueando que nem loucas quando pegavam uma onda. As vítimas foram inúmeras.

Apesar de muito inteligente e um pouco louco, Lither era baixinho e tinha um bigodinho ridículo. Quando era interpelado sobre ele, dizia ser um sinal de poder para os que mandavam. Ele vinha lendo muita revista alemã por aqueles tempos.

—Lither! falei, temos que fazer alguma coisa, eles não pretendem parar, mesmo depois do aviso que demos com aquela prancha V-2 que jogamos em cima do Centro de Pesquisas.

—Muito bem, falou, então teremos que ir para a fase 3 do Plano de Dissuasão.

Todos nós nos levantamos com o horror estampado em nossos rostos jovens e bronzeados. Começamos a falar todos juntos:

—Não podemos fazer isso. A opinião pública poderá mudar de lado...

—Tem que haver outro jeito para dissuadi-los...

Lither se levantou calmamente e nos olhou um por um e à medida em que olhava, nos calávamos. No momento em que todos nós estávamos quietos ele falou:

—Não há outro jeito. Se quisermos que nossas reivindicações sejam acatadas, teremos que pôr a fase 3 em operação o quanto antes. Será amanhã.

No dia 1º de setembro de 2201, os televisivos anunciavam em destaque: "MacDonald's e Jacks in the Box tomados de assalto pelo 'Surf and Force'". Informavam sobre as exigências do grupo e a opinião pública ficou dividida: uns diziam que deveriam ser destruídas somente os MacDonald's, outros que queriam que fossem os Jacks in the Box, uma minoria queria a ambos destruídos e um pequeno grupo (curiosamente formado pelos donos e parentes) que os queriam inteiros.

No dia seguinte, os televisivos informavam: "Surf and Force presa e à espera de julgamento". Segundo as notícias, a força policial resolveu dar uma demonstração de agilidade, tinha conseguido prender todos os integrantes do grupo, quando esses não aceitaram os Tickets Restaurante dos policiais como pagamento pa-

ra o almoço.

O dia 3 foi o dia do julgamento, pois o sistema judiciário estava irritado com o dia de jejum forçado que tiveram no dia anterior. E as manchetes em letras garrafais anunciavam: "Reeducação para o Líder do grupo 'Surf and Force'. Demais integrantes libertos".

No dia 4, a Lua conseguiu uma vaga para geostacionar entre dois velhos satélites Sputniks para a alegria dos cientistas e empresários. Estes últimos, preocupados agora com o sistema de revezamento para o pagamento do geostacionamento.

Lither foi para a reeducação e só saiu de lá depois de três meses como, oceanógrafo, que era do que mais gostava depois do surf. O resto do grupo se dispersou e cada um foi procurar uma nova ocupação.

O dia 10 de março de 2202 me encontrou com o cargo de Organizador de Fatos Científicos do Canal Televisivo 388. Nesse dia soube de um acontecimento que me fez pensar no "Surf and Force": Lither, como oceanógrafo experimental, tentava ensinar às baleias a moverem as barbatanas dorsais de forma rítmica, de modo a criarem ondas para que se pudessem surfar.

—É! Mesmo reeducado, ele continua o mesmo "meio-louco" de sempre, pensei. Deixei de lado a notícia e recomecei a trabalhar.

CONTATOS

ANTARES - RIO - nº 3. Mini-fanzine editado por Miguel Carqueija. 4 páginas, com o conto "A Decisão" de A. José dos Santos e informações sobre FC. Colabore! Caixa Postal 18227 CEP 20272 Rio de Janeiro - RJ.

ANTARES nº 35. São 12 páginas com contos, notícias, artigos, HQs e um interessante encarte sobre a evolução da FC e o surgimento das revistas do gênero, intitulado "A Literatura de FC", por Sissy Sanderson. Colabore, se associe: Av. Ipiranga 1865 - apto 3 CEP 90060 Porto Alegre - RS. Nesta edição recebemos apenas estes 2 zines. O espaço está aberto a todos os editores e divulgadores da FC, Horror e Fantasia.

FANZINES RECEBIDOS

sacrifício

Por ÉDER SCARROT

Uma cidade como São Paulo esconde muitos segredos, os quais nem sempre são decifrados. Há muito tempo uma organização de culto ao Demônio atua silenciosamente na cidade e a qual é responsável por muitos desaparecimentos de jovens mortais. Um chefe de polícia da região sul recebera a informação de mais um súbito desaparecimento entre os muitos que ocorrem diariamente, sendo no caso agora, uma jovem garota. Poderia ter sido sequestrada, assaltada ou mesmo assassinada e escondida em algum lugar, mas nunca se imaginaria que tivesse sido sacrificada.

Enquanto isso, em algum lugar dessa imensa e misteriosa cidade:

—Coloquem-na no altar e amarrem-na fortemente para não termos problemas quando acordar — ordenou o líder.

A jovem garota foi então posicionada numa grande mesa de pedra e todos aguardavam ansiosamente a sua volta à consciência. A sala estava mal iluminada e o frio era combatido por toras de fogo penduradas nas paredes. Todos esperavam pelo momento do sacrifício ao Mestre da Escuridão. O silêncio refletia medo e pavor demonstrando que as próprias forças do mal reinavam naquele mórbido lugar. Ao fundo, atrás do altar do sacrifício, um enorme crucifixo negro invertido transmitia ao local um aspecto anticristão de sofrimento e agonia.

A pobre vítima desperta de seu sono profundo. Assustada, percebe que está amarrada e observa à sua volta. Pensa estar no próprio inferno e grita desesperadamente. O líder do ritual convoca seus seguidores à meditação. A sarcástica missa do sacrifício tem o seu início. A lâmina do grande punhal de prata é erguida pelo líder e ao descer penetra cruelmente na carne humana, dilacerando-a e espalhando sangue ao redor do altar, enquanto são recitadas fra-

ses satânicas. A garota, mergulhada em dor, solta seus últimos gemidos de vida. O líder banha-se com o sangue quente e oferece a alma da jovem ao Senhor do Mal. A morte toma seu lugar no culto e mais uma vitória do mal se concretiza. Parte do sangue da vítima é coletado e entregue aos adeptos para se banharem excitados. Passam-se alguns minutos e o cheiro do sangue fresco confunde-se com o ar da sala.

Repentinamente ocorre uma pequena explosão e o local é tomado por um clarão ofuscante que perdura por alguns segundos. Uma fumaça negra invade o salão e um odor fétido se apossa do ambiente. As pessoas presenciavam aqueles acontecimentos sobrenaturais assustadas e ao mesmo tempo curiosas em saber o que estava se passando. Subitamente surge perante o altar do sacrifício, uma figura monstruosa de grande porte. Sua hedionda face transmitia ódio através dos olhos vermelhos. Seus braços e pernas eram muito compridos e cadavéricos, sendo a sua pele podre, deixando visíveis suas veias e músculos. Os adeptos do ritual observavam a criatura boquiabertos, como se não acreditassem no que viam. Após alguns instantes de silêncio total, o ser horrendo vociferou com sua voz extremamente gutural:

—FUI ENVIADO PELO SUPREMO MESTRE DO INFERNO PARA AGRADECÊ-LOS PELO SACRIFÍCIO HUMANO!

Aquelas palavras malditas ecoavam fortemente na sala dando a nítida impressão que as paredes iriam ceder. A criatura macabra levantou o braço direito e vomitou as seguintes palavras:

—NOSSO MESTRE AGRADECE A LEALDADE!

Inesperadamente o monstro desapaareceu e a sala começou a incendiar-se. Em meio ao fogo ardente que consumia tudo, os corpos dos satânicos se debatiam em dor, acompanhados por uma sádica gargalhada de satisfação.

hr report

ANTHONY HINDS, O PRÍNCIPE DA HAMMER



ANTHONY HINDS

O produtor e escritor Anthony Hinds, que trabalhou por muitos anos na produtora inglesa de filmes HAMMER (especializada em ficção científica e principalmente horror) comenta sua carreira no famoso estúdio, através desse en trevista concedida à revista americana FANGORIA.

É seguro dizer que o pai de Anthony Hinds era realmente Hammer, ou como ele chama a si mesmo, Will Hammer. Hinds explica: "Hammer era meu pai, surpreendentemente. Ele era um homem de negócios de sucesso e um comediante fracassado. Ele malogrou na comédia porque não era muito engraçado. Ele e um companheiro fizeram uma comédia em dois atos e como o serviço de meu pai estava localizado em Hammersmith, um bairro de Londres, eles se deram os nomes de Hammer e Smith. E foi assim que começou o nome Hammer."

Anthony, o filho de Will Hammer nasceu em 1922 e depois da 2ª Guerra Mundial encontrou-se trabalhando na Hammer Films. Ele tentava escrever histórias e scripts, mas seu serviço real era registrar filmes para a 'Exclusive', a companhia do pai de Hammer. Quando a Hammer entrou na produção ativa no fim dos anos 40, Hinds era o seu mais ativo produtor, participando de todo o período clássico da companhia, que inclui obras primas do gênero tais como 'O Vampiro da Noite (Horror of Dracula, 58)' e 'A Maldição de Frankenstein (The Curse of Frankenstein, 57)', até que ele deixou a produtora em 1970. Hinds tem um afeto verdadeiro pelo gênero horror, o qual é invariavelmente mostrado em seus filmes, particularmente em 'A Maldição do Lobisomem (The Curse of the Werewolf, 60)', 'O Beijo do Vampiro (Kiss of the Vampire, 64)' e 'E Frankenstein Criou a Mulher (Frankenstein Created Woman, 67)'.

Pergunta (Fangoria) :- Qual foi sua reação ao sucesso de 'A Maldição de Frankenstein' em 1957?

Resposta (Hinds) :- Não sou uma pessoa muito emotiva. Eu não sei exatamente quando descobri sobre o sucesso desse filme, porque já estava envolvido na produção de outro. Nós fazíamos 4 ou 5 filmes por ano e as notícias sobre esse filme em particular foram filtradas gradualmente. Quando o sucesso chegava eu já estava dois filmes à frente.

P :- Antes ainda de 'A Maldição de Frankenstein', em 1955 você fez o filme 'The Quatermass Experiment (título americano: The Creeping Unknown, título nacional: Terror que Mata)'. Como você chegou a fazer esse projeto?

R :- Eu havia visto os 2 primeiros episódios da série na TV, feitos por Nigel Kneale e achei ótimo. Quando meu parceiro, Sir James Carreras viu o terceiro, nós fomos à BBC (Londres) e dissemos que faríamos a versão para o cinema. Eles concordaram imediatamente.

P :- Michael Carreras (filho de James Carreras) está sempre catalogado nos primeiros filmes da Hammer como produtor executivo. O que isso significa exatamente?

R :- Bem, na verdade não significa muito. Esse é um título usualmente dado a alguém no filme que não faz muita coisa, é muitas vezes dado a



Cena de 'O BEIJO DO VAMPIRO' de 1964.

pessoas sem experiência para dar-lhes um título que seja bom. Eu sempre quis produzir ativamente. Gosto de trabalhos onde você faz alguma coisa. Nos primeiros filmes eu dirigia a produção no local enquanto Michael trabalhava em Londres conseguindo outras produções.

P :- Alguém além de Peter Cushing foi alguma vez planejado para fazer o Barão Frankenstein em 1956?

R :- Nunca. Não pensamos em outro ator. Cushing era uma das primeiras estrelas reais da televisão britânica. Ele era um ator contratado da BBC, onde quer que ele estivesse, esvaziava todos os "pubs" (os famosos bares londrinos) e trazia as pessoas para casa e para suas televisões. Nós o queríamos e o conseguimos.

P :- Christopher Lee foi sua primeira escolha para a 'criatura'?

R :- Não, eu nunca tinha ouvido falar dele antes. Seu agente entrou em contato conosco e disse que tinha um cara enorme que poderia fazer o monstro. Eu pensei: "Sem, ele vai estar sob todas aquelas faixas e maquiagem, então não pode ser muito ruim.". Mas ainda não o conhecia.

P :- Por que Lee não estava em 'As Noivas do Vampiro (The Brides of 'Dracula, 60) '?

R :- Ele estava ou na Europa ou pedindo muito dinheiro. De qualquer modo nós decidimos que poderíamos conseguir sem ele. Nós tínhamos que conseguir.

P :- Como você começou a escrever para cinema?

R :- Meu primeiro texto produzido foi 'A Maldição do Lobisomem'. Eu o escrevi porque o orçamento que me foi dado para produzir o filme não era suficiente para incluir um escritor.

P :- Você ganhava comissão sobre os seus textos?

R :- Bom, você tem que entender que eu também era diretor da companhia (Hammer), por isso não havia dúvida quanto à comissão. Eu era parte da produtora, e nunca fui pago pelos meus textos ou pela produção.

P :- A maioria das pessoas considera 'A Maldição do Lobisomem' o seu melhor texto. Você teve que alterá-lo pelo fato da mudança da montagem da França para a Espanha, decidida por Michael Carreras?



Christopher Lee em 'Drácula, o Perfil do Diabo (Dracula has Risen from the Grave, 68)'

R :- Na verdade ele estava montando um filme sobre a inquisição espanhola. Nós já havíamos feito os cenários quando nos chegou a informação de que a igreja católica iria proibir o filme. Então ele caiu fora e eu fiquei com todos os cenários. É por isso que foi feito na Espanha. Tive que mudar todos os nomes.

P :- Sua versão de 'O Fantasma da Ópera' foi excepcional para a Hammer. Foi dito a você no início que essa era uma tentativa de liberada de fazer um filme de terror mais romântico?

R :- Não, Cary Grant veio a nós.

P :- Cary Grant?

R :- Sim, Cary Grant veio



Cena de "O MONSTRO DE FRANKENSTEIN - THE EVIL OF FRANKENSTEIN" de 1964.

escritor, por isso eu mesmo escrevi o texto.

P :- Como um produtor inspecionando a produção de seus próprios textos você estava no 'set' todos os dias?

R :- Eu estava sempre. Eu costumava esquecer que havia escrito o texto. Nunca parecia que eu o havia feito.

P :- Os diretores pediam para você reescrever o texto no cenário?

R :- Não. Eu costumava pedir para reescrever principalmente porque nós estávamos sempre com pouco tempo. Nós tínhamos somente 30 dias para fazer o filme, e tínhamos que fazer alguma coisa a respeito.

P :- Sobre 'O Beijo do Vampiro', o primeiro filme da Hammer dirigido por Don Sharp, onde você achou Noel Willman, que fez o vampiro principal Dr. Ravna?

R :- Ele é um homem de teatro, ator e diretor. Ele costumava dirigir bastante em Nova York. Ele era um bom ator de teatro. Eu não o conhecia. Realmente não sei se ele ainda está vivo.

P :- Quanto tempo antes da produção era dado em filmes como 'O Beijo do Vampiro'?

R :- Eu não estou bem certo, acho que mais ou menos oito semanas.

P :- Como foram feitas as cenas dos morcegos atacando o castelo nesse mesmo filme já citado?

R :- As cenas foram parcialmente sobrepostas e feitas com atores e morcegos de mentira. Les Bowie fez os efeitos. Ele era um bom homem e ótimo nos efeitos especiais.

P :- Você gostava de trabalhar para o diretor Don Sharp?

R :- Sim. Nós não tivemos nenhum problema. Ele havia feito perseguições para os filmes de James Bond e coisas assim, além de ser um ator no passado. Por isso eu sabia que ele seria competente com os atores.

P :- O que você achou do 'Beijo do Vampiro' terminado?

R :- Estava ótimo. Era um filme muito bom. Correu tudo suavemente e arranjei vários amigos. O operador de câmera Len Harris era um amigo especial.

P :- O segundo filme de Frankenstein que você escreveu (o primeiro foi 'O Monstro de Frankenstein - The Evil of Frankenstein, 64') foi 'E Frankenstein Criou a Mulher', que por sinal foi um dos últimos filmes fei-

a nós e disse que queria fazer um filme de terror. A única coisa em que poderíamos pensar era 'O Fantasma da Ópera'. Eu sabia que ele nunca o faria, mas ele era insistente, então eu o escrevi para ele. Ele estava de férias e eu sabia que quando voltasse aos E.U.A. seu agente o impediria de fazer o filme. E foi isso o que aconteceu. Mas originalmente foi escrito para Cary Grant.

P :- Quando a Hammer estava trabalhando para a Universal, eles impunham as idéias deles sobre vocês?

R :- Não, na verdade não. 'A Maldição do Lobisomem' foi idéia deles; o tema pertencia a eles. Essa é a verdadeira razão pela qual não havia dinheiro suficiente no bolo para pagar um es-

tos nos estúdios Bray. Depois que a Hammer dei-
xou Bray em 1966, você acha que a atmosfera fa-
miliar foi embora de seus filmes?

R :- Um pouco, sim.

P :- Bray era uma grande casa de campo e todo
mundo conhecia todo mundo de uma produção para
outra.

R :- Bem, é claro, você só tinha espaço para
fazer um filme de cada vez, portanto o que for
que estivesse acontecendo em Bray, era o seu
filme. Não havia filme de outra pessoa no mes-
mo momento. Todos estavam dedicados a um filme
de cada vez.

P :- Por que exatamente você deixou a Hammer
em 1970?

R :- Foram três as razões. Primeiro, eu achei
que já havia guardado dinheiro suficiente atra-
vés de meus investimentos. Segundo, eu tive di-
ficuldades em fazer um seriado americano para
a TV que foi combinado pelo meu parceiro Sir
James Carreras. A Twentieth Century Fox insistiu em ter Joan Harrison
para produzi-la. Originalmente eu deveria produzir a série, mas desco-
bri que meu papel foi muito reduzido até ser um gerente de produção,
encontrei-me com muito pouco a fazer. Depois de ter sido chefe
por tantos anos, eu achei isso muito frustrante. E terceiro, eu ti-
nha tido tanto trabalho com as uniões, que decidi que não precisava
tanto assim de dinheiro.

P :- Então não foi uma ruptura entre você e Sir James Carreras?

R :- Não, de forma alguma. Eu ainda o vejo de vez em quando, somos ve-
lhos amigos. Fui padrinho no seu casamento.

P :- E sobre seu filho, Michael Carreras? Muitas pessoas dizem que e-
le arruinou a companhia.

R :- Bem, o problema foi... Michael conseguiu um financiamento e com-
prou a parte de seu pai depois que eu saí. Seu pai estava muito feliz
de sair, pois estava ficando velho. Ele já havia trabalhado o sufici-
ente e ficou feliz de sair com um bom dinheiro. Michael não poderia
ter entrado em pior hora. A indústria estava em péssimo estado. Na In-
glaterra está sempre, mas nos anos 70 estava particularmente ruim.

P :- Você escreveu nos anos 70 dois filmes para a produtora Tyburn,
do produtor Kevin Francis (filho do diretor Freddie Francis): 'O Car-
niçal - The Ghoul, 75' e 'A Lenda do Lobisomem - Legend of the Were-
wolf, 75'; (ambos os filmes podem ser encontrados em fitas de vídeo cas-
sete, lançadas pela MAC VÍDEO). Além destes, você também escreveu o
filme 'The Masks of Death', o recente filme tipo Sherlock Holmes de
Peter Cushing?

R :- Sim, eu escrevi a história e o texto, mas Kevin não gostou do
mesmo. Por isso ele arranjou outro cara para escrever o texto real,
mas a história é minha. Era uma boa história e um mau texto.

P :- Eu vou jogar para você alguns nomes de atores e perguntar sua pri-
meira impressão deles. Christopher Lee, por exemplo.

R :- Ele é um ator muito bom.

P :- E como ser humano?

R :- Ele é um ser humano desumano. Não quero dizer que haja alguma co-
isa malévola a respeito dele, mas ele não é um saco de risadas. Nós
sempre nos demos bem, mas ele nunca realmente me perdoou por duas coi-
sas. Primeiro, um dos diretores da Hammer - isso foi depois que eu ha-
via saído - estava reclamando para mim que Christopher estava pedindo
muito dinheiro para fazer Drácula. Esse diretor me pediu um favor. Ele



Christopher Lee como a
criatura em "A Maldição de Frankenstein"

disse que adoraria fazer um filme de Drácula sem o Christopher Lee. Então eu disse que escreveria, porém no último minuto os distribuidores descobriram e exigiram a presença de Lee (esse projeto se tornou 'O Conde Drácula - Scars of Dracula, 70'). A segunda coisa foi que uma vez eu escrevi um texto (Drácula, O Príncipe das Trevas - Dracula, Prince of Darkness, 65), o qual não tinha nenhum diálogo para o Dracula. Ele nunca dizia uma palavra. Ele não descobriu até haver assinado para fazer o filme. Ele falheou o script, procurando por suas linhas - e não havia nenhuma. Na verdade ele nunca me perdoou por essas duas coisas. Mas se eu o encontrasse nós riríamos sobre os velhos tempos.

P :- E sobre Peter Cushing?

R :- Ele é um ator profissional real. Porém, ele é exigente, quer as coisas a seu modo, e se você é produtor/escritor, você discute.

P :- De todos os diretores com quem você trabalhou, qual você acha o mais profissional?

R :- É difícil de responder, mas creio que Don Sharp, Terence Fisher e Freddie Francis são ótimos. Todos eram muito experientes e sabiam exatamente como eram feitos os filmes.

P :- Você começou querendo ser um escritor, certo?

R :- Isso não é bem verdade. Eu sempre me meti a escrever desde que era um menino e gostei muito quando comecei a escrever sério. Eu acabei adotando o pseudônimo John Elder, assim como depois Michael Carreras adotou o nome de Henry Younger, em resposta ao mau pseudônimo.

P :- Como você acabou escrevendo para a série de TV da Hammer 'Casa do Terror' (House of Horrors) em 1980?

R :- Eu simplesmente submeti alguns textos e eles aceitaram um. Era chamado 'Visitors from the Grave'. Mas eu não tinha mais crédito sobre ele porque o diretor o mudou tanto que quase não era o que eu havia escrito.

P :- Houve recentemente uma nova onda americana de filmes de vampiro. A Hammer é agora uma companhia com nova direção, sob o comando de Roy Skeggs. Você acha estranho eles não tentarem entrar nessa onda?

R :- De fato, recentemente eu lhes mandei uma ideia de um velho filme de Drácula que nós nunca fizemos. Não ouvi uma palavra a respeito.

P :- É possível reviver o estilo gótico de terror hoje em dia?

R :- Há toda uma geração que ainda não viu esses filmes. Eu vi o primeiro Drácula quando era menino. Nunca é muito tarde.

P :- Qual a sua opinião sobre os filmes de terror atuais?

R :- O último que eu vi foi ALIENS (de 1979), que foi absolutamente maravilhoso. Ele me amedrontou. Normalmente eu não vejo filmes de terror hoje em dia; não vou muito ao cinema. Mas Aliens foi muito bom. Eu gostaria de tê-lo feito.

P :- Qual foi o acontecimento mais importante para você nos dias de glória da Hammer?

R :- Houveram tantos... Um deles foi quando a Hammer ganhou o Queen's Award to Industry em 1968; é claro, foi muito original de nossa parte termos feito Drácula tão sexualmente atraente para as mulheres. Não poderia haver um Drácula melhor do que Christopher Lee e Bernard Robinson foi um gênio em fazer alguma coisa de nada só com cenários. Houve um tempo no meio dos anos 60, quando os distribuidores me pediram para fazê-los mais baratos, por isso nós filmamos 'Drácula, o Príncipe das Trevas' junto com 'Rasputin - the Mad Monk', usando o mesmo elenco e cenários. Nós fizemos o mesmo com 'Epidemia de Zumbis (The Plague of the Zombies, 66)' e 'A Serpente (The Reptile, 66)'. Mas os dias nos estúdios Bray era como estar com a família. Todos se conheciam. Você não pode repetir isso.

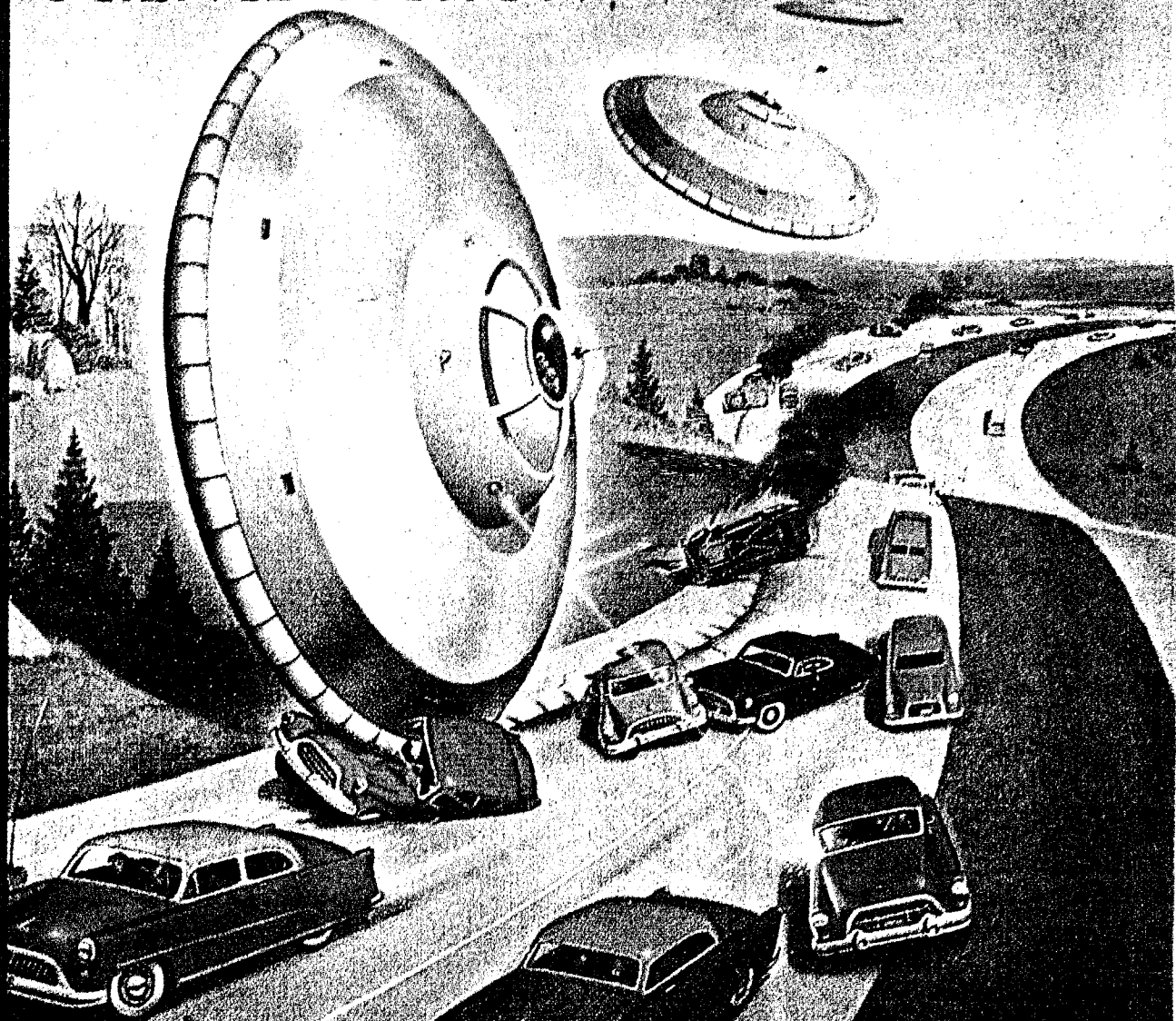
Entrevista concedida à revista Fangoria nº74 (06/88) e nº75 (07/88)

Tradução : Maria Ângela C. Bussolotti / Adaptação : Renato Rosatti

MARCH 1955

FANTASTIC UNIVERSE SCIENCE FICTION

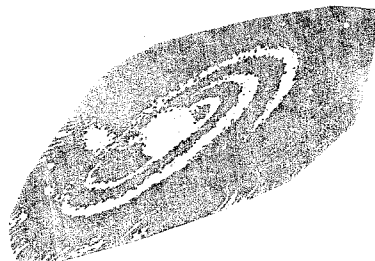
MARCH
35c



A Complete Novella — **MEET MISS UNIVERSE** by **JACK VANCE**
 Short stories by **JAMES BLISH** • **EVELYN E. SMITH** • **LEE PRIESTLEY**
BRYCE WALTON • **IVAN JANVIER** • **RUSS WINTERBOTHAM** and others
ALL STORIES IN THIS ISSUE BRAND NEW

35c

Fantastic Universe SF. Uma das várias revistas típicas da Golden Age da década de 50, com histórias de jovens autores hoje consagrados.



A ODISSÉIA DA VOYAGER

No mês de agosto chegou ao final a maior odisséia espacial já realizada. A viagem de 12 anos da nave Voyager 2 pelo sistema solar. A nave, e sua irmã gêmea Voyager 1, fotografou as luas de Júpiter em 1979, revelou a complexidade dos anéis de Saturno, no natal de 1980, passou pelas luas de Urano em 1986 e agora investiga o gélido Netuno e sua misteriosa lua gigante Tritão.

Citada como um argumento em favor da exploração espacial com naves-robô, a odisséia das Voyager reformulou toda a imagem que o Homem tinha dos planetas mais distantes do Sistema Solar. O que eram pontos de luz, mal vislumbrados ao telescópio, transformaram-se num espetacular conjunto de mundos cada um com identidade própria.

É o caso das luas de Júpiter, verdadeiro sistema solar em miniatura. A imagem clássica das luas jupiterianas é a que aparece no filme 2001: bolas de gelo, frígidas e sem vida. A Voyager mostrou que não é assim. Que uma das luas, Io, é coberta de enxofre incandescente, que brota de meia dúzia de vulcões ativos. Europa é toda coberta por uma calota de gelo que esconde um mundo aquático ainda inexplorado.

As Voyager revelaram também que os anéis não são privilégio de Saturno. Júpiter e Urano também tem os seus, embora escuros e pálidos. Ao sobrevoar Netuno, mês passado, descobriu um sistema de 2 anéis circundando o deus dos ma-

res. Além disso encontrou mais 6 novas pequenas luas, totalizando 8 agora.

Mas o grande suspense envolve Tritão, que parece ter uma atmosfera de nitrogênio, talvez lagos ou oceanos desse gás liquefeito. Um mundo bizarro, como as luas de Urano onde vulcões não expõem fogo e sim uma forma exótica de gelo pastoso.

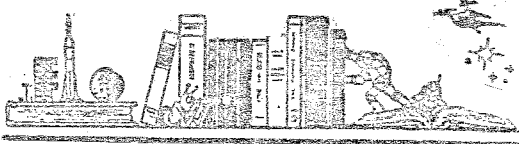
As Voyager são batedores do exército de robôs que precede a expansão dos seres humanos pelo Sistema Solar. Graças a este exército pacífico, antigas lendas foram definitivamente esquecidas e um Sistema Solar, muito mais rico e complexo do que se imaginava, foi revelado.

Com as Mariner e Vikings descobrimos que não havia canais em Marte, e que, longe de ser o mundo plano que se pensava, Marte tem algumas das maiores montanhas do Sistema Solar. As Venera soviéticas acabaram com as fantasias sobre oceanos e animais pré-históricos em Vênus, planeta que virou laboratório para o estudo de efeito estufa, que ameaça cozinhar a Terra.

A Giotto européia mostrou-nos como é o interior de um cometa e revelou que a matéria orgânica é coisa comum no espaço interplanetário. Não encontramos nenhuma vampira nua dentro do cometa de Halley, nem monólitos em órbita de Júpiter. Descobrimos sim, novos mundos, uma infinidade de terras exóticas para explorar e quem sabe, um dia, colonizar. O Sistema Solar é nosso e (continua na página 23)

Leitura

por IVO LUIZ HEINZ



- SÓ A TERRA PERMANECE (Earth Abide) George R. Stewart
G.R.D., série Clube GRD de Ficção Científica nº 1, 333 páginas.

Um vírus desconhecido mata praticamente toda a população mundial em questão de dias.

O interessante neste livro é como o autor constrói o dia-a-dia dos sobreviventes, de uma maneira realista e, até certo ponto, poética. A maneira como, aos poucos, são formados novos núcleos, novas comunidades e até mesmo novos costumes é marcante.

Um exemplo de Soft-SF, o começo da história lembrando muito o clássico "Eu sou a Lenda", de Richard Matheson, mas sem o caráter de pressão do último. George Stewart envereda por outros caminhos na construção do enredo.

O Narrador prende-se em um determinado personagem, sendo que os outros são classificados de acordo do ponto de vista deste. A história transcreve várias passagens marcantes para ele, desde a procura de outros sobreviventes até a parte que eu achei a mais rica: ele já como um ancião, surdo e provavelmente esclerosado, tendo apenas vislumbres da realidade que o cerca, porém venerado como um xamã por seus netos e bisnetos.

Um livro que consegue ser bonito sem ser água-com-açúcar, muito interessante.

Agora, falando em livro, o senhor Gumercindo Dórea que me desculpe, mas a capa feita por sua filha é simplesmente ridícula - um monte de rabiscos sem sentido e muito menos sem qualquer ligação com a obra. Alguém experiente como este lendário editor sabe de cor que o consumidor julga o livro também pela capa. Dado que seu último lançamento "Só sei que não vou por aí!", do H.V. Flory peca pelo mesmo motivo, é uma linha de atuação vulnerável para quem pretende voltar à carga no mercado editorial.

- A GUERRA DA ELEVACÃO (The Uplift War) 1987, David Brin
Europa América- col. FC números 150 e 151, 293 e 310 páginas.
Prêmios: Hugo 1988 e Locus 1988.

Um livro interligado com a história, também premiada, Maré Alta Estelar.

Sua ação desenrola-se paralela à do primeiro livro, passada num planeta chamado Garth, que há milhares de anos sofreu uma catástrofe ecológica de grandes proporções. A tarefa dos humanos é restaurar o equilíbrio ecológico do planeta, reestruturando seus ecossistemas. Aliás, pela maneira como Erin descreve, os humanos são muito bons neste papel, havendo várias referências à lendária "Greenpeace", Darwin e aos anos loucos do século XI.

Mas voltemos à história: ao mesmo tempo em que os golfinhos da Streaker tentam se livrar de uma perseguição implacável pelos despe-

jos da raça que originou os galácticos (Maré Alta Estelar), uma raça de aves, os gubru, também interessada nos despojos, domina o planeta Garth e toma os humanos como reféns, tentando chantagear a Terra.

Por causa de impurezas no mar, os golfinhos estavam impedidos de participar da colonização, mas os chimpanzés não, formando um grande contingente. Não sendo eles confinados em ilhas após a invasão, os subestimados chims transformam-se em valentes guerreiros.

Em certa parte da história, Brin narra que, além dos respiradores de oxigênio das cinco galáxias, existem os misteriosos respiradores de metano (CH₄), quase na mesma proporção. As civilizações praticamente não mantêm contato mútuo. E existem alguns clãs de máquinas pensantes, que habitam o centro da galáxia, com radiações letais para respiradores de oxigênio. Excelentes "ganchos" para futuras histórias.

Um universo rico em histórias com detalhes e costumes, como "Duna", só que seguindo por um caminho diferente.

Dramas simples, porém concebidos e desenvolvidos com a genialidade de um Clarke; ecologia e passagens 'soft' dignas de um Vance.

Mas o que é importante, tudo isto apenas como exemplo a você, leitor, pois David Brin o faz de uma maneira própria, particular. Um autor que sem dúvida marcará época - foi eleito em pesquisa pela revista Locus, o melhor escritor da década de 80.

Não deixe de ler um novo e revitalizado exemplo da Hard-SF dos anos 90.

CIÊNCIA - A ODISSÉIA DA VOYAGER - JORGE LUIZ CALIFE - Continuação da página 21

não há mundos proibidos à curiosidade humana.

Neste mês a aventura continua, com os cartões postais de Netuno sendo transmitidos pela incansável Voyager 2. Em outubro, se os ecologistas históricos não atrapalharem, a Galileu parte da Terra para mergulhar onde nenhum homem jamais esteve. As nuvens quentes e tempestuosas de Júpiter.

Nossos batedores robô já estão além. As Pionner já ultrapassaram a fronteira externa e avançam através da noite interestelar. Carregam o desenho de um homem e uma mulher numa placa de ouro. Como uma mensagem numa garrafa lançada por um naufrago, rumo a uma praia distante e ainda desconhecida.

A realidade já caminha lado a lado com a fantasia.

Especializada em Histórias em Quadrinhos, Nacional e Internacional, com destaque para a Ficção Científica.

Você pode adquirir seu MEGALON nesta livraria.

Av. São João, 735 CEP 01035 Tel.: (011) 222 1185

São Paulo - SP.



**MUITO
PRAZER**
Uma Livraria

A República 3.000, Menotti del Picchia. Coleção Edijovem, Ediouro/Tecno print, Rio de Janeiro, sem data, 104 páginas. Capa e ilustrações de Teixeira Mendes. Comentário biográfico de Afrânio Coutinho.

Menotti del Picchia, recentemente falecido, foi personagem ilustre nas letras brasileiras, um dos modernistas da Semana de 22. Foi também um precursor da FC brasileira com vários trabalhos, destacando-se este A República 3.000.

Uma expedição cartográfica do Exército embrenha-se nas matas do Brasil Central, sendo aos poucos dizimada por feras, malária e índios. Del Picchia tem uma maneira muito brasileira de narrar suas desventuras, com adjetivação variada, regionalismos, expressões idiomáticas populares e substantivos extintos no uso moderno, em profusão — não sei o que tenho contra esse tipo de escrito; parece tão carregado de impressões que atenua um exercício maior de suspense ou choque dramático.

Dois sobreviventes — o Capitão Fragoso e o Cabo Maneco — chegam a uma estranha barreira, circundada por um círculo de ossadas animais e humanas. Penetrando-a, eles se deparam com uma Xangri-lá de homens semi-mecânicos, altura em que a narrativa passa a desenrolar-se com maior objetividade, pontuada pela ação e sem tantos exercícios descritivos por parte do autor.

A FC Brasileira é muito pródiga em viagens a utopias, onde a descrição de sociedades avançadas e de soluções de problemas de grande magnitude são a principal preocupação. Mas neste romance a utopia da República 3.000 tem grande funcionalidade no contexto literário, com o romantismo e as paixões dos personagens chocando-se com o perfeito pragmatismo das estruturas de 3.000.

Há 2.000 anos uma expedição cretense fixou-se no Brasil Central, após lutar com vários povos pré-colombianos. Desenvolveram-se técnica e culturalmente mais rápido que o resto do mundo, chegando ao domínio sobre as moléculas, a energia psíquica e a eletricidade sem fio. Contudo, estão à beira de uma nova descoberta, a energia pura (atômica?), que irá alterar o rumo de sua civilização.

Isso é importante para os brasileiros. Eles são apresentados a um casal de irmãos descendentes de uma linhagem de sacerdotes incas, que serão sacrificados segundo seus próprios ritos, porque o homem falhara em sua função de controlador da barreira invisível. O Capitão Fragoso apaixonou-se pela beleza inca, Raymi, e tenta tudo para libertá-la. O romance entre os dois é marcado pelo apelo trágico de um Romeu e Julieta, afirmando o amor acima dos conceitos de superioridade social e ética, acima da própria morte. Nessa altura os habitantes de 3.000 alcançaram a energia pura e a antigravidade, partindo para as estrelas.

A introdução de del Picchia diz que o livro foi escrito como recreação pessoal, um vôo imaginativo cuja repercussão no Brasil, tanto quanto na França e Itália, o surpreendeu. Isso talvez explique uma série de deslizes que ele comete, bem como algumas abordagens ingênuas e citações eruditas que nada acrescentam.

Com temática e roteiro de rara consistência em se tratando de FC brasileira, este clássico nacional oferece-nos paisagens, situações e tipos vivamente brasileiros, bem como uma cabocla visão do progresso. Estilisticamente a capacidade poética de del Picchia freqüentemente rompe a cortina de adjetivos e expressões para promover algumas belas passagens.

A República 3.000 foi escrito depois de 1924, mas em minhas pesquisas não consegui descobrir a data exata. Sei que foi publicado na coleção Saraiva no volume de Nº 14, com o título de A Filha do Inca, mas não deve ter sido sua primeira publicação. Esta edição moderna, pela EdiJovem, é acessível pelo reembolso postal ou nas livrarias Ediouro.

As Horas Nuas, Lygia Fagundes Telles. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989, 222 páginas.

Histórias de gatos são comuns na FC e fantasia. Mas por que começo falando de gatos? É um deles que nos permite aproximar da fantasia um dos grandes nomes das letras brasileiras. O primeiro romance de Lygia Fagundes Telles em 18 anos mostra Rahul, um gato pensante que é parte da "corte" de Rosa Ambrósio, uma atriz decadente e alcóolatra.

Parte da narrativa é conduzida em 1ª pessoa por Rosa e Rahul; outra parte em 3ª pessoa, sob os pontos de vista de Ananta e Renato Medrado, ela uma analista e ele um advogado que aspira escrever histórias de mistério, surpreendido no meio de um: o desaparecimento de Ananta.

Quase sempre a ação se passa na esfera mental dos personagens, com seu tempo psicológico marcando a complexidade do romance, onde passado e presente, observador e observado, confundem-se em passagens intrincadas, conduzidas com grande habilidade e fluência, produzindo um resultado muito interessante e intimista.

Rahul já foi homem em encarnações vividas em épocas e espaços diferentes e a memória delas invade seu viver animal. É também capaz de ver os fantasmas que passeiam pelo apartamento de Rosa Ambrósio. Mas ele não é um elemento indispensável ao romance. Forma um ponto de vista externo para a observação da vida de Rosa, todavia ele próprio vive os mesmos dramas: a presença de seus passados no presente; a ausência de Gregório, marido de Rosa e figura de adoração de Rahul; a consciência de não poder sair dessa condição, incapaz de retomar suas vidas anteriores ou de escapar à condição animal. Não forma, porém nenhuma metáfora contundente do ser preso à impossibilidade de decifrar a vida.

Pode-se conjecturar em torno de uma evolução mais interessante para o personagem, a partir do esboçado. Ele poderia ser um observador pleno, capaz de entender o que há por trás das vidas dos envolvidos com Rosa, lançando ao leitor essa compreensão maior. Possuidor da memória de encarnações passadas, poderia ter convivido com tais pessoas em outras vidas, introduzindo assim uma observação superior de suas relações e rementendo o romance definitivamente ao território da fantasia.

Mas estas são possibilidades óbvias e este tipo de literatura caracteriza-se por negar o óbvio e fugir de roteiros fechados, optando pelos desenvolvimentos abertos.

Diante disso hesito em classificar o livro como um romance de fantasia contemporânea. Mesmo o insólito sugerido não resiste à banalização (apresentação do corriqueiro e pessoal) dos personagens e suas vidas.

Recomendo a leitura de As Horas Nuas pela sofisticação literária, pela

força da prosa de Telles, pelo papel esboçado de Rahul. Em seguida você volte correndo para a boa e velha FC, para o presente dissecado e o futuro investigado em todas as suas faces de universos alternativos.

O Dono do Futuro, Tadeu Pereira. Coleção Preto no Branco Nº 9, Brasiliense, São Paulo. Capa e ilustrações de Líbero.

Essa coleção é um caso único no meio editorial brasileiro. Define-se como "(...) histórias empolgantes num livro descontraído com cara de revista: despojado de tudo o que é supérfluo. (...) O que vale mesmo é o prazer de ler."

O Dono do Futuro é um conto que podemos definir como "FC Paulistana". Passa-se em 2106, em São Paulo, com um governo repressor que pode controlar o futuro das pessoas, assim impedindo-as de gerarem crianças indesejadas numa cidade superpopulosa. Toni é um garoto de 14 anos que foge do Comando de interferência (COI) e acaba sendo recrutado para uma viagem no tempo. Ele tem que recuperar uma fórmula perdida em 2066. Acaba achando no passado a garota que deveria encontrar num "affair" não permitido pelo governo. Ele não faz nada do que devia e, no presente, ao ser levado à presença do COI, revela que tudo não passaria de um plano para testar a eficiência da organização — que não é lá grande coisa.

Escrito num estilo rápido, cheio de metáforas recorrentes à São Paulo e de alegorias que não levam à nada, a própria história termina absurdamente aberta. A intensão é ser pós-moderno, apoiando-se naquilo que Norman Spinrad define como sci-fi: a FC filtrada pela cultura de massa — um toque de Blade Runner e uma pitada de Exterminador do Futuro, sem profundidade ou ecos fortes na realidade presente. Bem dentro da real definição de Preto no Branco: facilmente digerível e descartável.

O Que É Vampiro, José Luiz Aidar e Márcia Maciel. Coleção Primeiros Passos Nº 179, Editora Brasiliense, São Paulo 1986, 73 páginas. Capa e ilustrações de Gavin Adams.

Os livros dessa coleção são facilmente encontráveis em qualquer livraria ou pelo reembolso postal.

O difícil é se achar um livro falando sobre vampiros que não seja mais um dos "manuais de bruxaria" que parecem vender mais aqui que em qualquer outro lugar do mundo.

Esta abordagem do tema começa com hipóteses para a origem da palavra vampiro e com a exposição de uma série de lendas que o envolvem, afundando em terreno lodoso ao tentar explicá-lo por meio da parapsicologia popularizada. Depois fala do vampiro como mito, visto pela filosofia e avança para e modo como a literatura gótica viu o tema, nesse ponto novamente patinando ao tratar da inspiração dos autores góticos, com uma abordagem da teoria psicanalítica dos sonhos.

Faz a resenha do tema através da literatura e do cinema e tenta explicar o vampirismo como metáfora do comportamento simbiótico entre as pessoas, pela luz da psicanálise.

Na verdade, os livros dessa coleção são pouco mais que um ensaio e muito menos que um livro sobre um assunto. Mas este trabalho vale à pena ser lido, apenas tenha para com ele as mesmas reservas que se têm para com a psicanálise.

RECOMENDAMOS: Também da Primeiros Passos: O Que É Ficção Científica (169) Bráulio Tavares, e O Que É Herói (139), Martin Cezar Feijó.

Este clássico do mestre Alfred Hitchcock pode ser definido como a perfeita combinação entre um filme de horror e suspense: a tensão aliada ao clima gótico que caracteriza o último terço do filme.

Psicose foi filmado na melhor fase do diretor. Imediatamente antes ele havia realizado dois grandes filmes: Um Corpo que Cai (Vertigo, 58 - talvez sua obra prima) e Intriga Internacional (North by Northwest, 59).

Hitch aproveitou muito bem a onda de sucessos que os filmes de horror tinham no começo da década de 60 - produzidos pela Universal e Hammer, inglesa - bem como percebeu a mudança de costumes e atitudes que estava passando a sociedade de então. Fez assim um filme menos "cerebral" - como Janela Indiscreta (Rear Window, 54) - e mais explícito em termos de violência, embora sem abandonar sua sutileza de mestre.

A história foi inspirada numa notícia de jornal em que um homem havia guardado o cadáver de sua mãe em casa e baseada no romance homônimo do competente Robert Bloch.

O público é o seu desafio permanente, pois em seus filmes ele sabe do andamento da trama e, não os personagens. Assim nesta fita mais do que qualquer outra, ele procura uma quebra mais acentuada, uma ruptura com um estilo consagrado, mas um pouco repetitivo de seus clássicos anteriores. Se deixa de lado o rigor da construção clássica - o enredo se dividindo em três partes estanques: o roubo

o assassinato, a investigação (com o clima gótico), nem por isso cai sua coerência com sua linguagem, muitas vezes a inovando, a reformulando. Uma prova é que seu filme seguinte, o clássico Os Pássaros (The Birds, 63), mostra também uma violência mais acentuada, além da abordagem agressiva na parte final da fita.

A história propriamente começa com Janet Leigh fugindo de um roubo de US\$ 40000 de seu chefe, indo hospedar-se no sinistro e fatal "Bates Motel". Hitchcock, surpreende a todos ao conceber o assassinato da estrela na primeira parte da fita. O impacto é grande, especialmente porque é feito com um cuidado artístico, ímpar que fez da cena uma das mais famosas do Cinema. A filmagem da cena do chuveiro durou sete dias, utilizando setenta posições para 45 segundos de filme. Uma modelo nua substituiu a atriz - apenas se vê suas mãos, ombros e cabeça - numa cena feita plano a plano por Saul Bass, autor também dos ótimos letreiros iniciais. Nesta sequência, opõem-se formas circulares - chuveiro, boca, olho, ralo - a figuras irregulares como a água, passageira e cambiante; a cortina, frágil, o sangue, e a faca, cortante como a montagem desses planos.

Daí a história toma rumos diferentes, o assunto que parecia ser o roubo, torna-se o psicopata Norman Bates (Perkins no melhor desempenho de sua carreira), que acaba se tornando vilão e vítima da trama.

Outra cena antológica é a do assassinato do detetive - Balsam - na escadaria da casa, onde ele filmou primeiro a descida da escada sem o

personagem, e depois filmando o detetive em uma cadeira especial diante da tela de black projection, onde se projetava a descida da cadeira, com o detetive apenas agitando os braços e balançando-se.

O filme teve um orçamento modesto - US\$ 800 mil - foi rodado com uma equipe de TV para reduzir os custos e agilizar as filmagens.

Definido pelo crítico e cineasta Peter Bogdanovich como "o mais cinematográfico filme jamais feito".

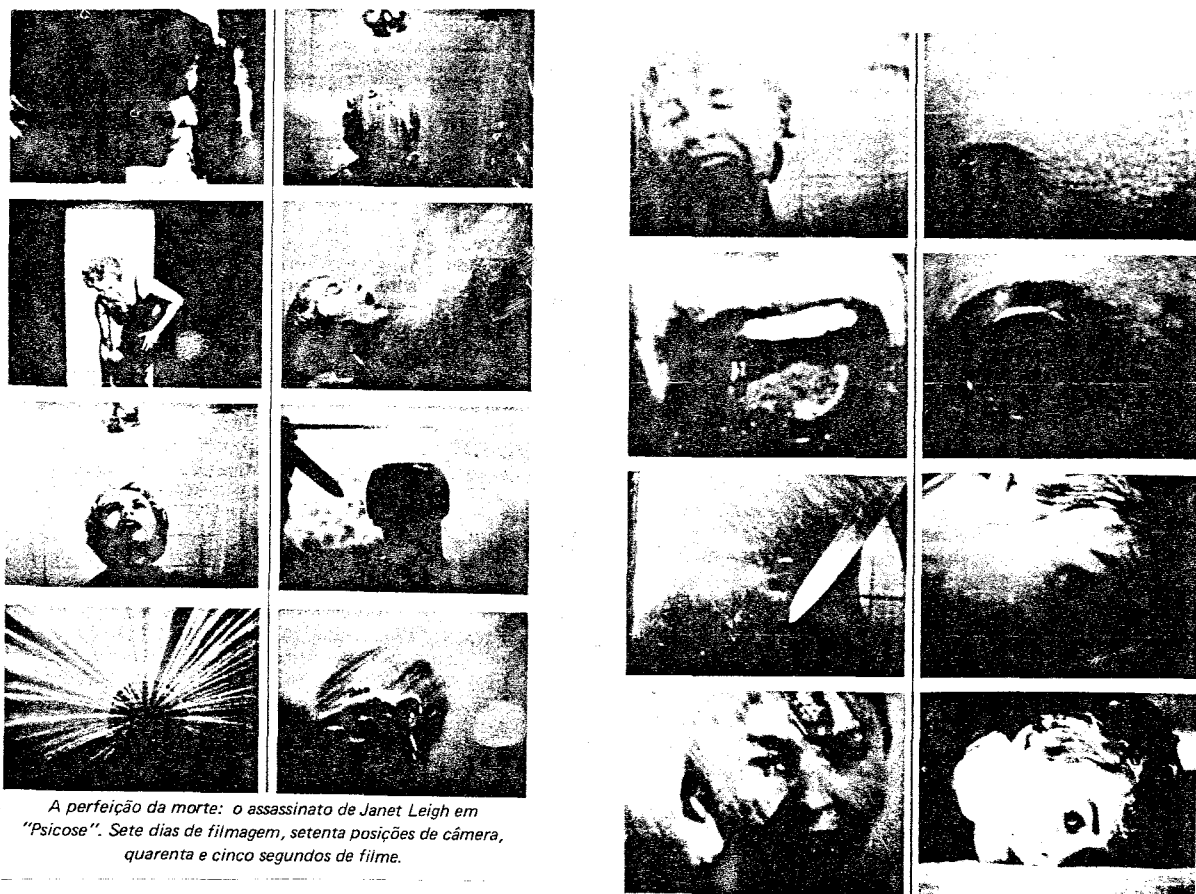
Muito imitado - por Brian de Palma em Vestida para Matar - e até satirizado - por Mel Brooks em Alta Ansiedade - originou duas continuações: o assistível Psicose II, de Richard Franklin, e Psicose III, péssima estréia do próprio Anthony Perkins na direção.

Psicose foi indicado aos Oscars de direção, atriz coadjuvante (Janet Leigh), foto, cenografia e absurdamente não para filme e trilha sonora, belíssima do mestre Bernard Herrman.

PSICOSE (Psycho) EUA, 1960. P&B, 109 minutos.

Direção: Alfred Hitchcock; Roteiro: Joseph Stefano, baseado em romance homônimo de Robert Bloch; Música: Bernard Herrmann; Fotografia: John L. Russell; Com Anthony Perkins, Janet Leigh, Vera Miles, John Gavin, Martin Balsam, John McIntire, Simon Oakland, Pat Hitchcock.

A produção foi do próprio Hitchcock, com distribuição da Paramount Pictures, e se tornou ao render US\$ 13 milhões, o maior sucesso comercial da carreira do mestre do suspense.



A perfeição da morte: o assassinato de Janet Leigh em "Psicose". Sete dias de filmagem, setenta posições de câmera, quarenta e cinco segundos de filme.

OS JORNAIS FALAVAM DE UM SUPOSTO LOUCO QUE DEGOLARA NOVE PESSOAS...



... E AGORA PARECIA QUE ELE ESTAVA LOGO ATRAS DE MIM...



... E PROVAVELMENTE EU SERIA MAIS UMA DAS SUAS...

VITIMAS

TEXTO:
SENA FILHO

DESENHOS:

Antonio Sena 88

... AS RUAS ESTAVAM ESCURAS E DESERTAS...



... NEM MESMO A LUZ DA LUA ILUMINAVA, POIS ESTAVA OCULTA POR UMA ENORME NUVEM NEGRA...



... QUE PARECIA NÃO DISSIPAR NUNCA...

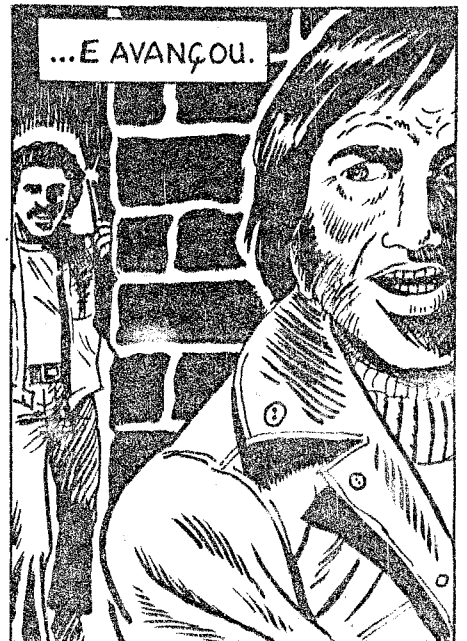


... RUA APÓS RUA ELE ME SEGUIA... SEUS OLHOS NÃO DESGRUDAVAM DE MIM...

...ESCONDI-ME NUMA ES-
TREITA RUA LATERAL...
E ESPEREI...

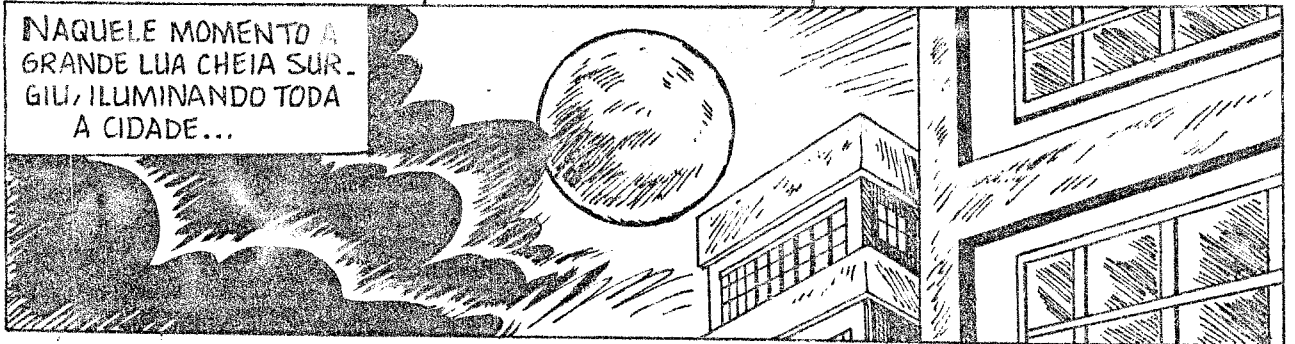


...POR ALGUNS SEGUNDOS O
MEU PERSEGUIDOR PAROU...
OLHOU EM DIREÇÃO AO BECO
ONDE EU ESTAVA OCULTO...



...E AVANÇOU.

NAQUELE MOMENTO A
GRANDE LUA CHEIA SUR-
GILU, ILUMINANDO TODA
A CIDADE...



...E A MIM... TRAZENDO
CONSIGO A MALDIÇÃO
DO LOBO...



...DO IRRACIONAL...



...TÃO ASSASSINO
QUANTO O SUPOSTO
LOUCO...

...QUE ACABA DE COMPLETAR
SUA DÉCIMA...

...VÍTIMA!

